

O B R A
DO GRANDE LVIS
DE CAMOËS, PRIN-
CIPE DA POESIA
HEROYCA.

*Da criação, & composição do Ho-
mem.*



Com as Licenças necessarias.

Em Lisboa, por Pedro Crasbeeck.

ANNO 1615.

O B R A

DO GRANDE LVIS

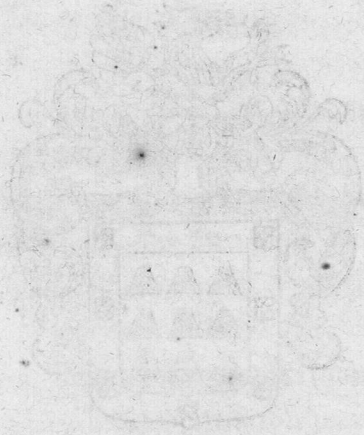
DE CAMOES PRIN

CIE DA ROSIA

HEROYCA

Declaracao, e concessão do Rey

1707



Com a Licença do Rey

Em Lisboa, por Pedro Craesbeck

MDCCLVII



OBRA DE LVIS DE
CAMOËS, PRINCIPE
DA POESIA HE-
ROYCA.

*Da criação, & composição do Ho-
mem.*

Segunda parte.

CANTO I.

I.



*A mais fresca, & apraziuel parte do ão
A Venus dos antigos dedicada,
Venus amor de Marte, & de Vulcano
Fermosa estrella do mar, & terra amada;
Por cujo influxo amigo, brando, & humano,
Se mostra a Primavera namorada,
Guiando a destra mão da natureza,
O sumo Creator da redondeza.*

A.

Quando

Canto I. Da criação do homem.

2.

Quando a liberal terra guarnecida
Com a humanidade do Ceo, & temperança,
De verde, & vario esmalte reuestida
Mostra dos doces fructos a esperança:
En toda a planta, & aruore florida,
Com coroa, & odorifera abundança,
Então parece mais fermosa, & bella,
Com o rigor brando da amorosa estrella.

3.

Quando em sua liberdade as vagas aues,
Com ledo canto o ar sereno enchendo,
As manhaãs graciosas mais suaues,
E apraziveis do fresco Abril fazendo:
Conuidão a doce somno os corpos graues,
Em leues somnos vão os entretendo,
Ajuda o rouco tom da clara fonte,
Que ao verde prado desce do alto monte.

4.

Em hũa manhaã destas prompto, & esperto,
Me detinha hum profundo, & graõ cuydado
Da estranha prouidencia, & alto concepto
Do Creador de tudo o que he creado:
Como depois de dar numero certo,
E ordem ao mundo spherico formado,
Formou logo com seu saber profundo,
De alto officio outro pequeno mundo:

Que

5.

Que assi como fez só pola virtude
Da sua alta palaura lá de cima,
E não do fingido chaos disforme, & rude,
Nem da vazia, & de vãã materia prima,
Com certa ordem, & tal que não se mude
Os Ceos de gram vigor, virtude, & estima,
E os Elementos varios corruptiuos,
Em suas qualidades compassiuos.

6.

E assi como delles num momento
Formou diuersos corpos de mistura,
Varios na creaçam, & nascimento,
No ser, & na composiçam, & na figura:
Aas aues dando o ar por quasi assento,
Aos peixes agua, aos brutos a terra dura,
E das quatro compostas qualidades,
Tantas fez de animaes diuersidades.

7.

Como depois de tudo vltimamente,
Num lugar deleitoso, fresco, ameno,
Quis formar, & crear distinctamente,
Deste gram mundo estoutro mais pequeno,
Tambem em tudo nas partes diferente,
Numa dellas caduco, vão, terreno,
Noutra immortal spirito, alto, & diuino,
De razam, & do Ceo capaz, & digno.

Creaçam
do homẽ.

A 2

Que

Canto I. Da criação do homem.

8.

O Sol. *Que como no Ceo quarto o illustre Pharo,
Aquelle olho do mundo luminoso,
De toda a luz visível fonte, & emparou:
Corre como Gigante, & alegre esposo,
Assi o entendimento outro Sol claro,
Anda de hũa parte a outra presuroso,
Lustra na parte delle mais superna,
Discorre com sua luz tudo governa.*

9.

*E quis que os animaes inferiores,
Seu appetite só brutal tomando,
Da terra baixa, & vil habitadores:
Sò ós pastos attendaõ, & vão buscando;
E que os homẽs seus superiores,
Aa razão seus sentidos vão mandando,
Razão que diffirir os faz da fera,
Que de spirital em bruto degenera.*

10.

*Porque em que o fez de mais baixo elemento,
Deulhe mil perfeições em abastança,
Deulhe alma rational, entendimento:
E fêlo em fim â sua semelhança,
De todo outro animal de baixo assento,
Lhe deu o senborio, & governança,
Tudo lhe sojeitou debaixo os pés,
Deixandoo só sojeito a quem o fez.*

Omnia
subiecisti
sub. ped.

Como

II.

Como este breue mundo homem chamado,
 Preuariando nesta obediencia,
 Do Parayso foy por Deus lançado:
 Perdendo o bom estado da innocencia,
 Mas da bondade immensa acompanhado,
 De seu peccado fez saã penitencia,
 Conhecendo bem o estado que perdera,
 E quaõ differente for a do que era.

Peccado
 de Adam.

12.

E fazendo se homem Deus omnipotente,
 Immortal, infinito, & sem medida.
 Amando o homem asi taõ altamente:
 Que a sua vida deu por darlhe vida,
 Humilde em fim mortal, pobre, paciente,
 Sofreo pregado ser na Cruz erguida,
 Com mil dóres, tromentos, & deshonras,
 Por dar consigo ao homem eternas honras!

Et homo
 factus est.

Mortuus;
 & sepul-
 tus est.

13.

Mas dentre os mortos logo resurgindo,
 Com glorioso corpo triumphante,
 E ao Imperio cos Sanctos seus subindo:
 Na vnião da Igreja militante,
 Deixa o homem com seu sange remido,
 De suauis remedios abundante,
 Com que vencendo sempre com victoria,
 Pode se entrar na pura, & eterna Gloria.

Et resurre-
 xit.

Canto I. Da creação do homem.

14.

Nesta imaginação assi passando
Estava eu a manhaã de hum fresco dia,
Quandome em hum liquor humido banhando,
O lento somno já me adormecia:
E da quillo que estava imaginando,
As species tomando a phantasia,
Sonhava hum sonho asaz estranho, & doce,
Dado que verdadeiro, & certo fosse.

15.

Porque quanto os sentidos interiores,
En sua figura assi me apresentauam,
Me parecia ser que os exteriores
Em tudo claramente alli o tractauam,
Cousas maravilhosas, & mayores,
Que o humano entendimento me mostrauam,
Como aqui mostrarei se copia tanta,
Me conceder cantando a Musa sancta.

16.

Causado
somno. Já todos meus spiritos sensitivos,
Dos humidos vapores congelados
No frio cerebro donde estauão viuos,
Parecião de todo sepultados,
Impedindome as obras aos catiuos
Membros que todos mos tinha já postrados
O somno vindo da cymeria coua,
Por me mostrar visãõ tam doce, & noua.

Quando

17.

Quando de hum alto spirito poderoso,
Arrebatado ser me parecia,
Eleuado a hum grande campo, & espaçoso,
Onde o seu corno a copia diffundia,
Por que era fresco, verde, deleitoso,
De fruto, & flores cheo, & de alegria,
E assi o Ceo benigno o temperaua,
Que hum perpetuo Veraõ sempre mostraua.

Parayso
Teureal.

18.

Quatro Rios fermosos, & caudaes,
Regaõ a este campo tam florido
De aruores, eruas, plantas, & animaes,
De toda specie ornado, & basticado:
Pastaua o manso gado sem curraes,
Do Lobo, ou do Leaõ pouco timido,
Viaõse aqui as feras de mayor braueza,
Com mansidaõ, & com domestiqueza.

Tygris, &
Eufratres,
Ganges,
Nylus.

Singileza.

19.

Em tamanha abundancia, & variedade,
De indiuiduos em perfeçam creados,
Tudo era paz, amor, tranquillidade,
Hüs não sendo de outros agrauados,
Em conseruação vril, & amizade
Syncera, & pura todos conformados,
Na terra, agua, ar, bruto, peixe, aue,
Tinbaõ vida pacifica, & suaua.

Canto I. Da creação do homem.

20.

Por este fresco, & bom jardim do mundo,
A vista derramando alegremente,
Hum edificio vi nobre, & jocundo:
De alta composição, & obra excellente,
E tal architectura que segundo
O que se via de fora, & mais presente,
O de dentro seria mais perfeito,
E muyto mais pera quem fora feito.

21.

Mostrava ser no sitio, & bom assento:
Inexpugnael, claro, alto, & puro,
Com justa proporção, arte, & ornamento:
Cercado de lustroso, & forte muro,
Parecia com todo o prouimento,
Por dentro, & fora estar firme, & seguro,
E tudo vi, porque a vista se estendia,
Em objecto competente que a seruiã:

22.

Leuantarse ao modo de hum Castello.
Sobre este campo casi senhor nelle,
Do qual vi que outro mais fermoso, & bello:
Parecia nascer das costas delle,
E por poder milhor notalo, & vello,
Querendome entã chegar para elle,
Muy prestes não sey como parecião,
Que no chaõ subitamente ambos cabião:

Peccauit
Adam.

Destã

23.

Deſta infelice queda, & triſte ſorte,
E ſubita mudança a mim me vinha,
Hum ſentimento intrinſeco, & tão forte:
Como que neſte mal graõ parte tinha,
Cria que me cauſaua a meſma morte,
Eſta deſauentura tanto minha,
E com grande peſar que me cercaua
O freſco campo em lagrimas banha.

24.

Então mais miſerduel, dura, & eſtranha,
Me pareceo a noua fortaleza,
Daquella quando ao perto a vi tamanha:
Tão bem feita com tanta arte, & deſtreza,
E logo que por grande engano, & manha,
E por traição mais que por natureza,
Caira eſte edificio hũa tal ruina,
Que ergelo só podia a mão Diuina.

25.

Este aſſento já tão verde, & ameno,
Com pranto, & dór de tudo já eu deixando,
Lá me não parecendo o ar ſereno:
Mas triſte, eſcuro, & grauemente aſpirando,
Quando não teràs tu quinhão pequeno
N'eſta perda tão grande (ouui bradando,)
Que o mal que a todos toca geralmente,
Inſenſiuel he quem o não ſente.

E verás

Canto I. Da criação do homem.

26.

Omnia
suauiter
disposuit
ti Domi-
ne.

E verás que o diuino entendimento,
Tem de longe o remedio aprecebido,
Que tudo vem de seu supremo assento,
Suauemente tudo tem prouido:
E apos o erro o arrependimento,
He ter o mal em parte soccorrido,
E o bem sem galarção, & o mal sem pena,
Não deixa ao fim do bem quem tudo ordena.

27.

O Castello que viste em gloria tanta,
Que com prosperidade, & gram potencia,
Senboreaua tanta terra quanta
Ver não podes: a suma prouidencia,
Ordenou, & dispos com ordem sancta,
Que esteuesse á sua obediencia,
E della em qualquer tempo se saindo,
Perdesse o que esteuesse possuindo.

28.

Que o Senbor a quem tem dado a menagem
Deſte Castello Alcaydes mōres,
Felos com grande amor á sua imagem,
De perfeições ditados, & primores,
Por comerem o fructo de hũa pomagem
Vedada, fiquando elles transgressores,
E offendendo o Senbor pagáram o erro,
Com penas, & trabalho, & em deſterro.

Mas

29.

Mas porque vejas que ama piedade
 Mais que o rigor, este Senhor que digo,
 Como quem he toda suma bondade,
 Não quis ao fim chegar neste castigo:
 Porque elle mesmo intenta aduersidade,
 Soccorrendo ao vasalo como amigo,
 O remedio lhe deu que não podera,
 Outrem alguem dar lho tal, se elle não der a:

30.

Consolate, que a bom Senhor seruimos,
 Que sempre quis, & quer que o homem viua,
 O bem do sumo bem vir sempre vimos
 Da sua perfeição, & gloria altina:
 O mal a quem o passa tribuimos,
 E de sua mesma culpa se deriua,
 E já tem por não ser o homem desfeito,
 Por elle o Senhor delle satisfeito.

31.

Olha o nouo edificio reformado,
 Capaz de outra eterna gloria,
 Que aquella em que o viste situado,
 Que em fim pois teue fim foy transitoria:
 Mil vezes soccorrido, & visitado
 Pelo Senhor que lhe alcançou victoria
 Do mao que com enganos conquistando
 Se andaua em sua penna vaõgloriando,

Lucifer.

Foy

Canto I. Da creação do homem.

32.

Foy este em nossa byerarchia,
Dos principaes mas ensoberbecendo,
Trocaua gloria em penna, em noyte o dia:
E em seu mao zello não permanescendo,
Com isto a este edificio combatia,
Atè que enganosamente o foy vencendo,
Fuge a soberba, segue a humildade,
Com firme fè, esperança, & charidade.

33.

Anjo da
guarda.

Então como eu já claro viſſe,
Ser este o ſpirito bom que me guiara,
O creatura Angelica lhe diſſe:
Se tua luz me não acompanbara
Em tanta eſcuridade que não cabiſſe,
Nenhã humana industria me liurara,
Pois para ver agora eſta tamanha
Obra, & marauilhosa, me acompanba.

34.

As bellas moſtras vejo, & boa figura,
Da fortaleza que antes vi fermosa,
Mas quero notar bem ſua compoſtura,
Seu fundamento, & traça artificiosa:
E ſpecular por dentro obra tão pura,
Tão polida, excellente, & ſumptuoſa,
E moſtra ſendo a obra em tanto eſtremo,
Ser delia o Architector, alto, & ſupremo.

E como

35.

E como vires tudo, porque estejas
 Mais prompto no que vires, & notares:
 Me respondeo o spirito pois desejas
 Ver deste assento as mais particulares
 Peças: conuem sem ninguem aqui te vejas,
 Mas sem mim se em parte algũa andares,
 Tornarmeàs a ver depois que o correres
 Por dentro, & fora, se o entender quiseres.

36.

Isto disse, & de mim já se apartaua,
 Deixandome entre confusão, & medo,
 Mas como sobre tudo me apertava,
 Desejo de saber este segredo:
 Do Castello que se me apresentava,
 Com quanto me pezou irse tão cedo.
 O bom spirito que me ali guiara,
 Moui o paço a ver cousa tão rara.

37.

E como já me achasse mais ao perto,
 E do que vísse me certificasse:
 Marauilhoume o sitio, arte, & concerto
 Deste forte, & que assi se reformasse:
 Estava posto em hum grão campo aberto,
 Como que dali tudo senboreasse,
 Alto, grande, & fermoso, era em tal modo,
 Que em duas columnas sobreeitava todo.

As pernas

Mais

Canto I. Da criação do homem.

38.

Os pés.
Mais que d'aluô alabaſtro, & obra prima,
Eraõ liſas, pollidas, torneadas:
De ſotil artificio, & grande eſtima,
Sobre dous pedreſtais bem aſſentadas,
E os dous pedreſtais quando ſe mouião,
Todo o pezo comſiguo em ſi trazião.

39.

Cabellos
da cabeça
E era tudo tão primo, & tão perfeito,
Que alegremente a viſta deſcansaua,
No alto, baixo, largo, & mais eſtreito
Proporção ordenada ſe moſtraua:
No chapitel tinha hum dourado teito,
Que a todo eſte edificio mais ornaua,
Do qual hũs rayos de ouro dependião,
Que ao longe mais que o Sol reſplandecião.

40.

Nunca acabara aſaz de obra tão clara
Specular o engenbo, arte, & bondade,
Se a viſta entãõ dali me não cegara
Minha importuna, & vã curiosidade:
Porque ſenti que entãõ ſe começara,
Deſte edificio quaſi na metade
Dos ſeus materiaes hũa fortaleza,
Da meſma compoſtura, & natureza.

Como

41.

Como nas linbas entendi, & na traça,
 Ser este semelhante ao outro assento,
 E que viria a ter a mesma graça,
 E forma: no fazer delle pusme a tento,
 E vi que da materia, & propria maça,
 De que era feyto o primeiro apossento,
 De tres grandes sobrados que em si tinha,
 No mais baixo a fazer outro vinha.

Cabeça,
 peyto, &
 ventre.

42.

Neste sobrado baixo hũa casa auia,
 De grande engenbo, & artificio feita,
 Na qual com espantosa geometria:
 A hũa parte quasi à mão direita,
 Hum sutil Mestre de obra esta fazia,
 Muy regalada, certa, & bem feita,
 Sendo o Mestre para isso ardido, & quente,
 Esperto, viuo, & muyto deligente.

A madre.

Calor na-
 tural, he
 spirito ge-
 neratiuo.

43.

O qual antes que nada começasse
 De pôr em perfeição, & sua figura,
 Os materiaes tomou com que cerrasse
 Hũa abobada asaz humida, & escura,
 E deixou só por onde respirasse,
 Hum piqueno buraco, & abertura,
 E por onde viesse o mantimento,
 A toda a obra o seu sustentamento.

Dódena-
 ce o em-
 bigo.

B

E como

Canto I. Da criação do homem.

44.

*E como que não estava ainda seguro,
Porque fiquasse bem certificada,
Fez dous panos na abobada do muro:
Que assi de fora a tinhaõ mais guardada,
E por recolher o mais sobejo, & impuro,
Da imundicia de toda a obra lançada,
E tudo o que para ella era contrario,
Admittindo sòmente o necessario.*

Outros
dous pa-
nos don-
de se reco-
lhé os da
criatura.

45.

*Depois de ter isto assi nesta ordem posto,
O forte começou perfeiçoarse,
Tudo por tal saber, & arte composto:
Que pode encarecerse, & não contar-se,
Estando edificado, & já disposto,
Pera poder de nouo pouoarse,
Com seus quatro retretes, & aposentos,
Janelas, Atalayas, & guarda ventos.*

46.

*Em parte parecia inda com tudo,
Faltar algũa cousa à fortaleza,
Como quem vê a Statua de hum membrudo
Corpo: a que falta o spiritu, & a viueza,
Ouue hum campo solitario, & mudo,
Sem cousa vinda mais que sua rudeza,
Era em fim este forte assim acabado,
Como hum corpo sem Alma, & figurado.*

E de-

47.

E desejando eu ver em que paraua
 Esta obra taõ estranha, & peregrina,
 Hũa Donzela vi que nella entraua:
 Ferosa, clara, pura, & diuina,
 De improuiso delle se apossaua,
 Como senhora mais que delle digna,
 A que logo no forte quanto a via,
 Seruindo alegremente obedecia.

Aalmarã
 cional.

48.

Tãõ bem feita vinha esta alta senhora
 Aa fortaleza: & armaua nella,
 Como que feita nella entãõ fora:
 Para ornamento ser, & forma della,
 Logo as partes de dentro, & as de fóra,
 Se começaram a mouer com ella,
 E se viuificarão de tal sorte,
 Que o forte se fez muyto mais forte.

49.

Via se tudo yr já de dia, em dia,
 Com taõ noua senhora em crescimento,
 A fortaleza em perfeicãõ crescia:
 Em boa ordem, concerto, & regimento,
 E já que não coubesse parecia,
 Naquelle baixo, & humido aposento,
 Onde fora composta, & bem traçada,
 Pola mão de seu Mestre delicada.

No vètre.

Canto I. Da creação do homem.

50.

A grande fortaleza que em si tinba,
Estoutra já tambem se carregaua,
Com tanto impedimento, & mal sostinha
O grande peso, & pejo que lhe daua,
Bem que quanto bom de fora lhe vinba,
Para a fabrica della desejava,
E deste modo de dia, em dia,
Pasaua este pejo, & agonia.

51.

Atè que vindo tempo conueniente,
E conjunção para o effeito disto,
Com força, & com industria sufficiente:
E saber deste artifice preuisto,
O forte quasi milagrosamente
Lançado fóra dali foy visto,
Ajudado porem, & fauorecido
Da fortaleza de que foy nascido.

52.

E como do aposento fóra esteue,
Donde fundando foy desdo começo,
Logo outro parecer crescendo teue
Outro ser, & figura de mais prego:
A fermosa Donzella a quem se deue,
Deste alto crescimento o bom successo,
Muyto louuor: estaua satisfeita,
De ter o mando em cousa tão perfeita.

Era

53.

Era de todos muito obedecida,
Era em tudo seruida, & venerada,
E com quanto em prisão quasi metida
Estaua em parte aqui nesta morada:
Não era erro por não ser della então tida,
Por sua casa propria em quanto amada,
Mas porque nesta origem vira,
Daquella antiga torre que cairá:

Peccatum
originale.

54.

Porque as achegas, & materiaes,
De que era feito este nouo artificio,
Tinbaõ nas mesmas partes integraes
Do outro primeiro o rasto ainda do vicio:
Não só geração em culpa, & maleficio,
Mas na affeição, & tudo o mais
E deste mal deixarão por herança,
Na terra a semente, & semelhança:

55.

Daqui vinha que no discurso, & augmento
Da torre que crescia sem detença,
A Donzella real em seu apozento
Por vezes teue algũa dezaeuença:
Foy bem logo no principio o regimento,
Sem algũa discordia, & differença,
Mas depois que a torre em forças foy crescendo,
Mal foy a gente della obedecendo.

Caro con-
cupiscit
aduersus
spiritum.

Canto I. Da criação do homem.

56.

Com tudo a bella dama amava tanto,
Em que o original mal aborrecia,
Que vezes mil dissimulava quanto
Esta liberal gente lhe fazia:
Outra hora ameaçava com espanto,
Que a governança della deixaria,
E que como ella della se fosse,
Perderião seu ser, figura, & posse.

57.

Consenti-
mêto dos
peccados.

Mas já pella vnião, & liança estreita,
Que em casa tinha, consentia outra hora,
E da culpa em seu damno mesmo feita
Parecia que della era a causadora:
Porque os descubridores da sospeita
Do mal, ou bem que sentião defora,
Muitas vezes o mal por bem trazião,
E a senhora, & os criados consentião.

58.

Outra hora resistia com prudencia,
Por ser de alto, & real entendimento,
E conuinha a sua alta prèminencia,
Não ter no mal nenhum consentimento:
Que para tudo tinha sufficiencia,
E do bem, & do mal conbecimento,
Mas já da fortaleza parecia,
Que imperfeições soffrer mais não podia.

Com

39.

Com toda a policia edificada,
 De todos os primores abundante,
 Em tudo parecia consumada,
 E que em nada podia ir mais auante:
 Toda defora se mostraua ornada
 De hũa viueza, & graça triumphante,
 Forte, noua, alta, fresca, florescente,
 Rica, seruida bem, leda, contente,

40.

E como por defora assi estiueffe,
 Com tanto lustro, graça, & fermosura,
 Desejey ver se a isto respondesse
 A fabrica de dentro, & compostura:
 E porque nisto me satisfizesse,
 Me pareceo com vista clara, & pura,
 Que ania por dedentro, & com espanto,
 Tudo como direi nestoutro Canto.



B 4

CANTO

CANTO II.

*Da criação, & composição do Ho-
mem.*

I.

Altas obras soberbas, & arrogantes,
D'espantosa, & sozil Architectura,
Ouue em tempo passado outras galantes
De pincel, perspectiua, & de esculptura:
Mil illustres Varoës como Tymantbes,
Trothogenes, Polides, na pinctura,
Hum Pthydias, & hũ Chrisipo, & hũ Praxitèles,
Zeusis, Parrasio, & celebrado Apelles.

2.

Dedalo, Afabba, Eaberintho embaraçado,
E Symiramis fez muro espantoso,
Fesce em Epheso o Templo sumptuoso:
Fez ao marido seu Mausalo amado,
Arthimisa sepulchro, alto, & honroso,
E outras torres a altos edificios,
E de marauilhosos artificios.

Mas

3.

Mas como feitos são por mão humana,
 Não podem dilatar-se em infinito,
 Por terra já's o Templo de Diana,
 E fazem as pyramides de Egypto:
 Mil columnas de antiga obra Romana,
 Arcos, statuas de alto, & viuo spirito,
 O tempo duro que de tudo aferra,
 Os tem desfeitos, & postos por terra.

4.

Mas aquella cimetria compassada,
 E sobrenatural proporção viua,
 Em que não pode o tempo ter alcada
 Do corpo humano, & Architectura altiva:
 De idade em idade a vemos propagada,
 Para a fazer perpetua em que reuiua
 Aquella mão Diuina lá de cima,
 Que a fez de nada, & lhe deu o ser, & estima.

5.

Os Philosophos grandes com sciencia,
 De incançauel industria que alcançarão
 Das cousas naturaes a propria essencia
 E todos altamente specularão:
 Nenhũa de mais alta arte, & excellencia,
 Entre todas que o corpo humano acharão
 De forma, & de materia hum só supposto,
 Com tamanho primor feito, & composto.

Mas

Canto II. Da criação do homem.

6.

Mas tornando a meu sonho que contente
Me tinba, desejando eu ver de perto
O mais da Fortaleza, alta, & excellente,
Que por dentro me estaua ainda encuberto:
Nã sey como assi logo estranhamente
Me foy tudo mostrado, & aberto,
Como parte por parte aqui contara,
Se me a fraca memoria não faltara.

7.

Cabeça, peito, v̄c̄, & tric. Estaua a Fortaleza repartida,
Assi toda por dentro em tres sobrados,
Ou tres principaes quartos, & cingida
Pelle, & couro. Por defora de muros bem laurados:
Corriaõse estes com medida,
E justa porpoção bem compassados,
Miolo, coção, fi-gado. E tinba cada hum delles seu Mórdomo,
Ou Veedor de grande cargo, & tomo.

8.

O cora-ção. E querendo olhar eu o do meo,
Por lhe ver mais stado ricamente
De tudo ataviado, ornado, & cheo,
Parecendo mancebo inda valente:
Marauilhoume ver hum bom meneo,
E mouimento seu continuamente,
Com muito ar sem força, ou defeito,
Mas de seu natural hum dom perfeito.

Daualbe

9.

Daualhe grande auctoridade, & brio
 Hum tabardo de mangas que vestia,
 Com que mostraua mando, & senborio
 Em toda a gente que na terra auia:
 E por seu apozento ser de estio,
 E muito quente, se seruia
 De muitos pagens seus que o banbauão,
 E de ar sereno, & frio o refrescauão.

Paniculo
 que cobre
 o coração

Os muscu-
 los do co-
 ração,

10.

Por estar numa estofa muito quente,
 Mouendo-se continuo, & assi conuinha
 Para o qual como mestre diligente,
 Huns dous abanos junto de si tinha:
 Aos quais ar, frio incessantemente
 Para seu refrigerio bom lhe vinha
 Por hũs canos defora o admittindo
 O mais, & mais fumo zo despedindo:

Os bofes

Respira-
 douro.

11.

Desta estofa era sempre prouida,
 E sustentada toda a Fortaleza,
 Por seus canos lhe dando spirito, & vida,
 E de seu viuo fogo a tendo aceza:
 Para este fim hũa casa ali escondida
 Com promptidão estaua, & com viuesa,
 O sotil mestre da obra que seruia
 De acender este fogo, & o partia.

O figado
 que faz o
 sangue.

E como

Canto II. Da criação do homem.

12.

Chamasse *E como esta gram fabrica, & estranha obra,*
spirito ani *Toda em tres regioes se deuidia*
mal na ca- *Em partes principaes o mestre da obra*
beça, spi- *Em todo o edificio, & companhia*
ritual no *Se via deligente a toda a bora*
coração, *Porque em estas mais viuo residia,*
naturalno *E em que neste aposento mais moraua,*
ventre. *Nos outros dous mudando o nome andaua.*

13.

Paixoens *Mas como mouerse sempre he com grande calma,*
do cora- *O mordomo que disse valeroso,*
ção. *Sogeito estaua aos accidentes d'alma,*
Hora ledo, hora triste, hora medroso:
Outra bora a ira que sempre encende em calma,
Dominaua outro bora vergonhoso,
Com speranças, & sem sperança outra bora,
Se alteraua, & mudaua cada bora.

14.

A sobeja *E com conbecimento falso, ou certo,*
tuilteza *As cousas que defora procedião,*
encobre o *Ao mestre da obra sempre viuo, & esperto,*
coração, o *Dese seu aposento como vião,*
sobejo go- *Fazendoo estar as tristes encuberto,*
sto o dila- *Por toda a torre as ledas o trazião,*
ta, & assi o *Com tanta variação que de tal verse*
poem em *Estaua a risco ás vezes de perderse.*
risco de
perderse.

Mas

15.

Mas tinba mais que a fim de recrearse,
Este rico môr domo os dous abanos,
Em que bem delles foy aproueitarse:
Noutros seruiços seus por outros canos,
Porque no meyo delles vi formarse
Huma frauta cuberta de dous panos,
E atè o centro da torre bia direita,
Fazendo varia musica, & perfeita,

O gargalo
por onde
entra o ar
è faza a voz

16.

Com hũa sotil porta estaua obrada,
No cabo della hũa cabeça, ou chaue,
Que dos pagès, & dos outros bem tocada:
Causaua esta harmonia tão suaua,
No som que querião temperada,
Soaua alto, ou baixo, agudo, ou graue,
Com que gosto, & proueito recebia
O veador, & toda a companhia.

As diffe-
rencias da
musica.

17.

Tinba fortificado este aposento,
E repairado em roda hum forte muro,
E da parte de fóra hum bom asento:
Duas fontes num quasi contra muro,
Que trazendo de dentro o nascimento,
O fazião de dentro mais seguro,
Mas estas duas fontes parecião,
Estar secas em-tão, & não corrião.

Peyto ex-
terior.

Por serem
de macho

Depois

Canto II. Da criação do homem.

18.

Depois de eu ter visto parte, por parte,
Desta casa do meyo, & forma della,
A fabrica, concerto, ordem, & arte:
A prouidencia, & bom seruiço della,
Como se ali montaua cada parte,
De toda a fortaleza asi por ella
Repartindo com grande prouimento,
Seu liquido, & aparado mantimento:

19.

Daqui ao aposento mais de cima,
Cabçca. Me pasey logo, & ao mais alto sobrado,
E se o do meyo tiue em muyta estima:
Deste ainda fiquey mais marauilhado,
Por sua perfeição, sua obra prima,
E o lugar em que estaua situado,
Sobre a entrada da Torre com fermosa,
E apraziuel vista, & espaçoza.

20.

O cerebro Procedia com muyta authoridade,
ou miolo. Deste quarto o mór domo nobre, & antigo,
De hũa abobada forte, & na metade:
Por ser lugar alto, & de perigo,
De hum siso era maduro, & grauidade,
Velho, branco, & das letras muyto amigo,
E assi gastar philosophando o tempo,
Aui a por mór gosto, & passa-tempo.

Vestida

21.

Vestida tinha huma opato cagante,
 Que por todas as partes o cobria,
 Numa casa dabobada muy galante:
 E armada de gentil tapeçaria,
 Atada por detrás, & por diante,
 Por juntas que a abobada fazia,
 Noutro pano de fora que aguardaua,
 E para o mais seruiço ali estava.

A tea do
 miolo.

O casco
 da cabe-
 ça.

Pia mater
 é dura ma-
 ter.

22.

Alem deste graõ pano que a cercaua,
 Por defora tinha outros douse em roda,
 Com que prouida, & mais fortificada:
 E parecia estar cerrada toda,
 Tambem de hum musgo, & heruas se ornaua,
 De fora a superficie, & toda a roda.
 Que estando alta a si, & do Sol lustrada,
 Mostraua humafermosa cõr dourada.

Os cabel-
 los.

23.

Em oyto partes era diuidida,
 Bem que continua, & junta em humafigura,
 Esta abobada taõ cerrada, & vnida:
 Que não se deuisaua ter costura,
 Mas pellas em que estava repartida,
 Seruindose em sala de mestura,
 Todo o fumo sobejo que lhe vinha,
 Dos sobrados de baixo da cozinha.

Mas

da

Canto II. Da creação do homem.

24.

Mas o Sabio ansiaõ, & bom mórdomo,
Que neste alto aposento residia
Com grande cuydado, & diligencia como
Esperto, & prompto estaua noyte, & dia,
Em sua sphaera. Como em ceeste pomo,
Hora do mundo a grande Monarchia,
Outro hora o fazer dellas, & de tudo,
Comtemplaua com continuo, & vario estudo.

25.

Para isto bũa liuraria de diuersos
Autores, tinha grande muy polida,
De varios casos, prosperos, ou aduersos:
Em tres camaras juntas repartida,
A primeira, ou em prosa, ou em doces versos,
Continha alegre fabula fingida,
Leys a segunda, & a Philosophia antiga,
A terceira historia graue tinha.

26.

E desta liuraria demaneira,
Compasadas estauão as estantes,
Que a segunda camara, & primeira:
Tinbaõ liuros mudauéis, & inconstantes,
Mas os outros da camara terceira,
Estauão fixos quasi, & mais constantes,
E assi os que dos dous lhe aprazia,
Nesta terceira sempre os recolhia.

Tres ca-
maras do
miolo.

Primeira
imaginati
ua, segun-
da estima-
tiua, ter-
ceira me-
moratiua.

A memo-
ratiuatem
as confas
mais fixas.

Da

27.

Da sua condição, & natureza,
 Apar de si o sabio bũa tinha,
 Que a fabrica de toda a Fortaleza
 Quasi em lugar do velbo pay sostinha:
 E a torre hora indinada, outra hora teza
 Fazia estar segundo lbe conuinba,
 Por meyo de bũa columna de artificio,
 A que encoestado estava este edificio.



O espinha
 ço.

28.

Por detras da bobada descia
 Esta columna até o fim dos sobrados,
 Pella parte de dentro oca, & vasia,
 Mas de trinta canudos bem ligados,
 E em que de dentro vãos: de cantaria
 Erão firmes, direitos, torneados:
 Fiquando assi a columna desta sorte,
 Cuberta de dous pannos, & muy forte.

Trinta of-
 los do es-
 pinhaço.

29.

Por dentro da columna discorrendo,
 Do velbo a filha andava diligente
 Ella, & o pay nas mãos atados tendo
 Setenta & cinco cordas longamente:
 As quais por toda a torre se estendendo,
 Dispertauão para o seruiço a gente,
 Dando força, & vigor ao mouimento,
 Que necessario era, & ao sentimento.

Seteta &
 cinco ner-
 uos q naf-
 cê do mio
 lo, & da
 nuca,

C

Destas

Canto II. Da criação do homem.

30.

Destas neruozas cordas sete partes,
O velho studioso gouernando,
Com cinco pares dellas os lugares
Mais secretos da bodada dispartando:
Os mais criados, & os familiares
Da casa, & os dous mais hião liando,
E os trinta pares repartidos tinba,
Por toda a torre a filha donde conuinba:

31.

Mas porque dos trabalhos excessiuos
Da torre os seruidores, & exercicio,
Pudesse fazerse, & andar mais viuos,
E esforçados cada hum com seu officio:
Foy concedido aos spiritos sensitiuos,
E aos motiuos por grande beneficio,
Hum repouzo, & descanso conueniente,
A que chamamos somnos vulgarmente:

O somno.

32.

Acãdo sã
no heoca
lor naru:
ral.

Delle era causa immediata, & certa,
O sotil mestre da obra que habitaua
No apozento do meyo, & tinba esperta:
Da Fortaleza a gente, & alimentaua,
E quando tinba ainda mais encuberta
Sua virtude, & o fogo a conseruaua,
Repousaua da torre a companhia,
O velho, & a filha as cordas não monia.

Ajudaua

33.

Ajudava tambem que as humidades,
 E fumos que exalauão, & que sobião
 Da cozinba, & das mais concavidades,
 A esta virtude o caminho impidião:
 E adormecendo os velhos, & os mais Alcaydes
 Da Torre os seruidores não bolião,
 Do mouimento a causa assi cesbando,
 O sentimento então nada obrando.

34.

Pola parte defora do artificio,
 No sobrado mais alto, & luminoso,
 Junto do chapitel, & frontispicio,
 Hum molde de janelas vi fermoso:
 Eraõ tres pares cada par seu officio
 Diuerso tinba, & muyto proneitoso,
 As mais altas de estranha fermosura,
 Varios no sitio, officio, & no figura.

Olhos, o-
 relhas, na-
 rizes.

35.

Cada hũa dellas sua espia,
 E Atalaya de grande vigilancia,
 Que ao longe, & a9 perto dalto descubria
 Tudo o que parecia de importancia:
 Aprezentando logo o que sentia,
 A hũa Atalaya môr que noutra estancia
 Desta abobada estava apozentada,
 Para este cargo dentro deputada.

Sensus cõ-
 munis.

Canto II. Da criação do homem.

36.

Os olhos. *Affentados estauão sobre fino*
Marfim: as duas janellas alterosas,
Com vidraças de hum puro cristalino,
Que as fazia mais claras, & lustrosas:
E para defenderse do ar maligno,
Ou doutra cousa má hũa fermozas
Pestanas. *Cortinas de cadilhos se cerrauão,*
E quando era necessario abrir tornaauão.

37.

Sobrance-
lhas. *Por cima da cortina, & corridiças,*
Cada janella tinha sua cimalha,
Para reparo do ar arcadas, & maciças,
Cubertas de hũa curta, & seca palha:
Erão como conuinha mouediças,
Ambas de hum lauor mesmo, & de hũa igualha,
E alem de reparar da chuua, & vento,
Dauão as janellas graça, & ornamento.

38.

Orelhas. *Logo em direito estauão, & alem destas,*
Outras duas de outro feitio, & arte,
Discubertas ao vento, & manifestas,
Cada hũa a cada mão do baluarte:
E em caracol, & em voltas duas frestas
Tinhaõ feitas na mais vltima parte,
Das quais duas escutas de vigia,
Cada hũa daua auiso do que ouuia.

Abaixo

39.

*Abaixo destas quatro as outras duas,
 Por cima do portal da Torre estauã,
 Com grande engenho feitas, & com suas
 Espias que do cheiroso auisauão:
 Dos dous sobrados altos duas ruas,
 Aqui vinhão por onde se purgauão
 As superfluidades que descião,
 E dentro o fresco alento recolbião.*

Narizes.

40.

*Destas janellas logo abaixo estaua
 O grão portal da Torre, & seruentia,
 Nesta mais alta parte em que mostraua
 Estranha Architectura, & geometria:
 E por aqui o necessario entraua,
 De tudo quanto a Torre se seruia,
 E para isto poder ser sem trabalho,
 Se ordenou hum grande remedio, & atalho.*

A boca.

41.

*Que sobre os dous sobrados derradeiros,
 E mais baixos cada hum a sua parte
 Estauão dous robustos carreteiros,
 De muy grande seruiço, engenho, & arte:
 Que alem de grandes serem erão ligeiros,
 Que cbegauão correndo a qualquer parte,
 Acarretando tudo com presteza,
 Para conseruação da Fortaleza.*

Braços.

C 3

Estes

Canto II. Da criação do homem!

42.

Estes dous carreteiros sustentados
Erão por seu seruiço, & prouimento,
Da mesma Torre donde forão criados,
Com todo o necessario mantimento:
Tendo delles cada hum finco criados,
Que a tudo dauão grande auiaimento,
E porque em seu trabalho sempre andauão,
As cabeças de bons cascos armanão.

Os dedos.

As vnhas
dos de-
dos.

As quatro
calidades
do tacto.

43.

Seruião com cuydado, & diligencia,
Estes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque, & experiencia,
Do humido, do seco, frio, ou quente:
Em qualquer arte, ou mechanica sciencia,
Além de obrarem necessariamente,
Com armas resistião a toda a offensa,
Da Torre della sendo amor defensa.

44.

E defora da entrada, & seruentia
Da Torre, dous porteiros sempre estauão
Lustrosos, & vestidos de alegria,
Que as portas com cuydado bem guardauão:
Tambem o som da frauta, & harmonia,
Com mouimento seu perfeioauão,
E assi dos tres môr domos dos sobrados,
Erão por isto em tudo alimentados.

Os beigos

45.

Das portas para dentro logo entrando,
 De grande fabrica hum moinho tinba,
 O qual moendo estaua, & preparando
 Tudo o que auia de ir para a cozinba:
 Moido, & brando dentro assi mandando,
 O mantimento que defora vinba,
 E com esta pôrpoção, & conueniente,
 Se repartia, & hia por toda a gente.

A fabrica
 dos dêtes,
 & boca.

46.

Neste moinho junto os dous porteiros,
 Estando juntamente em seu officio,
 Duros, & rijos trinta & dous moleiros,
 De grande força, & vtíl exercicio:
 Daqui tirados fora outros primeiros,
 Forão por fraqueza sua, & vicio,
 E os que agora mobião com destreza,
 Todos branco vestião por limpeza.

Trinta &
 dous den-
 tes.

Os dentes
 mudados

47.

Tinba caba hum delles sua morada,
 Em dous lanços de penedo que auia,
 Entre elles bñã dona experimentada,
 Esperta andaua, & prompta noyte, & dia:
 E della era approuada, ou reprovada
 A farinha de quanto se mobia,
 Prouando se era saborosa, & alua,
 Porque era ella gentil mestra de salua.

Queixa:
 das.

Lingoa

O comer.

Canto II. Da criação do homem.

48.

Em toda a Fortaleza era importante
O cargo desta dona reuerenda,
Sendo frauta, & interprete elegante
Em tudo alem do mando, & da moenda:
Dava tambem ao som doce, & galante,
Da frauta, ar, compasso, graça, emmenda,
Toda a fabrica em fim desta tão clara
Torre: sem esta dona mal passara.

49.

Os noue
musculos
que ficou
debaixo
da lingoa.

Saliua.

Mas por ser femea hum quasi freeo,
Por não bir longe a tinba preza, & atada,
Bem que em noue criados de hum arreo,
E de bũ librê andaua ella encoitada:
Que por ser de tal graça, & bom meneo,
Seruida era de todos, & acatada,
E por julgar os gostos na verdade,
Cercada sempre andaua de humidade.

50.

Duas agu-
lhas.

As cãpai-
nhas.

Mas porque quando em casa repousaua,
Esta humidade muita a não enojasse,
Duas esponjas tinba em que tomava,
E recolhia o mais que sobejasse:
E tambem porque dentro importaua,
Todo o humido sobejo, ou ar que entrasse,
Tinba logo alem bũã anteporta,
Que resistia ao sobejo ar da porta.

Alem

51.

*Alem desta anteporta parecião
Os dous principaes cannos desta Torre,
Por hum delles os frescos ares hião,
Com que o Veador do meyo se soccorre:
Por outro canno tudo o que mobião
Os moleiros, & o que à cozinha corre,
E nella do primeiro cozimento,
Se preparaua todo o mantimento.*

O garga-
lao, & tra-
gadouro.

52.

*Mas ao quarto do meyo esta cozinha,
Hũa grossa parede diuidia,
Porque aqui perto sua morada tinha
O mordomo que nelle presidia:
O fogo, & fumo della que lhe vinha,
Todo tomado tem por esta via,
E co a parede guardado, & defendido,
Fica sempre seu apozento diuidido.*

A teagem
chamada
trema.
Coração.

53.

*Com hũs tres cannos por onde prouida,
Toda a fabrica, & gente que aqui estaua,
Estando esta parede iuterrompida,
Nella o quarto do meyo se acabaua:
Em hũa gram cozinha, & bem seruida,
Ou porque o quarto debaixo começaua,
Ou tambem logo nella começando,
Tudo o que nella auia fuy notando.*

Capax

Canto II. Da creação do homem.

54.

O estamago. Capaz era a cozinha, & sufficiente
Para cozerse nella o mantimento,
Que pude-se bastar a toda a gente,
E de muito artificio, & prouimento:
Calor natural. Com viuo fogo estava sempre quente,
Para todo o seruiço, & cozimento,
Num vaso de duas bocas, & bem obrado,
Sendo tudo cozido, & preparado.

55.

Pella boca mais alta se metia,
O que vinha cozerse, & digerirse,
Pella outra baixa o mais se despedia,
De que menos anião de seruirse:
E junto desta boca baixa auia
Quatro veas que procedê do estoço mago
Elus quatro cannos para repartirse
Hum certo manjar branco, & imperfeito,
Neste primeiro cozimento feito.

56.

Os seys intestinos. E desta mesma obra outros mayores
Seys cannos juntamente procedião,
Por onde da cozinha os seruidores
As fezes, & superfluo despedião:
Destes cannos tambem outros mayores,
Por mais apurar tudo inda nascião,
Por hũa tea grossa derramados,
Com proueito, & limpeza afsi ordenados.

Veas nategem das tripas,

Destes

57.

Destes seys no baixo tão somente,
 Hüs tres moços auia de seruiço,
 Que por estar entre elles mais corrente,
 Estauão nelle postos para isso:
 E no remate delle vltimamente,
 Estando outros quatro tambem nisso,
 Promptos em alimpar cerrando, & abrindo,
 E com outros na Torre bem seruido.

Muscalos

58.

Presidindo neste vltimo sobrado,
 E quarto, outro principal mór domo,
 De graõ negociamento venerado,
 Muito importante, & bem seruido como
 Cada hum dos outros dous alcatruzados
 Hum pouco: muito graue, & homem de tomo,
 Triste no parecer mas no supposto,
 Alegre não albernox deã gra bem posto.

O figado.

59.

Junto à cozinba tendo seu apozento,
 Mandaua della vir por ordenança,
 Sò da primeira estancia, & cozimento,
 De todo o manjar branco em abastança:
 Fazia entã todo este mantimento,
 Outra vez recozer com temperança,
 Que mais puro, & cada hum por sua via,
 Entre todos na Torre se partia.

O panicu-
lo do figa-
do.

E assã

Canto II. Da criação do homem.

60.

Sãgue misturado com os humores.
Caã das doenças.

E assi depois de já bem cozido
Este manjar, que a todos sustentava,
Sendo em quatro licores conuertido,
Diuerfos ser hum só na cor mostrava:
Mas destes mal conforme, ou desmedido,
Se algum muito mingoava, ou sobejava,
Fora de porpoção, & saã concordia,
Em toda a Fortaleza auia discordia.

61.

Caã das aua de.
Porulos, Arterias.

Por contrario em justa cantidade,
Em liquido vermelho misturado,
Se este manjar se dà com suauidade,
Todo este asento està delle abastado:
Daqui deste apozento por metade
Da Torre corre hum, & outro sobrado,
E por cubertos cannos vay mandando,
A toda a gente della alimentando.

62.

Arterias do coração.

E com quanto assi leua sua mistura,
Por mais bastar a todos em chegando
Ao apozento do meyo ali se apura
Sũnamente, & se vay adelgasando:
E daqui o mórdomo com mão pura,
Depois que bem o atina està mandando,
Purificando a toda a Fortaleza,
Por outros sotis cannos com destreza.

Mas

63.

Mas tinha este mais baixo em sua estancia,
 Apar desi por grande beneficio
 Da torre dous criados de importancia,
 Prouidos cada hum com seu officio:
 O primeiro com sua vigilancia,
 Sentindo auer segura no edificio,
 Por certos cannos que para isso tinha,
 Espertava gram sede na cozinha.

O fel, & o
baço.

64.

Vestiasse de hum verde sempre escuro,
 Por extremo colerico, & agastado,
 E taõ azedo que por todo o muro
 Se via andar às vezes de enojado:
 Tambem causava ser manjar impuro,
 Da cozinha co seu superfluo relançado
 Por humidos cannos seys da torre fõra,
 Quando para isso auia tempo, & hora.

O fel.

65.

O segundo criado era tristonho
 No corpo, & no vestido homem baço,
 Menenconizadissimo, & enfadonho:
 De má conuersação, & pouco paço:
 Era medrozo, & em si era medonho,
 Morto de fome sempre, & muito escaço,
 Mas o comer pedia para a gente,
 E nisto bem apurado, & diligente.

O baço.

Abaixo

Canto II. Da creação do homem.

66.

Abaixo destes dous estauão,
No apurado comer tambem seruindo,
No corpo, traça, & idade conformauão,
Num mesmo officio não se dezaundo:
Toda a superflua agoa a si chamaua
Por seus cannos dos outros iguaes vindo,
Tendo na mão hūs vazos coadores,
Que coauão esta agoa, & outros humores.

67.

Dous can-
nos davea
caua & ar-
teria do
rim.
Cannos a
bexiga.

Em si retendo só a potagem boa,
Toda a outra agoa coada se metia
Por dous cannos sotis numa alagoa,
Que de grande artificio dentro auia:
Esta agoa salgada aqui se coa,
Da Torre fóra em fim se despedia
Por outro canno em voltas, & deste modo,
Vinha assim a sair fóra de todo.

68.

Este apozeno baixo se cercaua
Com paredes tambem, & com seu muro,
Com que emparado, & quente afsi ficaua
Aos perigos defora, & mais seguro:
Onde era necessario brando estaua
Em parte, em outras partes firme, & duro,
Finalmente de tudo muy prouido,
De gente de seruiço bem seruido.

E porquê

69.

E porque esta tão bella Fortaleza,
 Nunca o tempo de todo a desfizesse,
 O mestre da obra ordenou com destreza:
 Que defora da Torre sempre ounessse
 Dous naturaes Irmãos cuja viueza,
 Outros materiaes spiritos desse
 Para se fazer o nouo edificio,
 Por delicados meos, & artificio.

70.

OTKAD
 Todos tres apozentos, & sobrados,
 Sobre duas columnas se asentauão,
 E ao pé dellas entre elles agazalhado,
 Estes dous naturaes Irmãos estauão:
 As columnas nos seus pedestaes pegados
 Nas mais delgadas partes ter mostrauão,
 E o mais groso para cima como tinba,
 A outra Torre de que esta nascer vinba.

As pernas

Pés.

71.

Sendo pois como disse tão fermoso
 Este nouo edificio, & tão pollido,
 Por dentro, & fóra em estremo artificiofo,
 E tudo já por mim visto, & corrido:
 Cuydando no Artifice poderoso,
 Que de tudo o fizera tão prouido
 Estaua eu contentando a vista nelle,
 Sem de todo a poder apartar delle.

Quando

Canto II. Da criação do homem.

72.

Quando enleuado assi me parecia,
Que com triste mudança estranha, & dura,
Este grande edificio descabia
De sua graça alegre, & fermosura:
Atè de todo cayr por derradeiro,
Como no Canto cantarey terceiro.

CANTO



CANTO III.

Da criação, & composição do Ho-
mem.



I.

O Vida humana taõ caduca, & breue,
O falsa gloria della imperfeita,
A que mais dura fica a hum somno leue,
Ao tempo, ao fado, à morte em fim segeita:
Quem mais conta fez della quem mais a teue,
Com mór dor, & tristeza a vïo desfeita,
Passa o seu fim remata em pranto, & magoa,
Enchendo como fumo os olbos de agoa.

2.

Em que parou da terra o mór Tyrano,
Com prospera fortuna, ou com aduersa,
Em que parou o graõ ceptro Romano,
Em que o Grego, o Medo, o Cyro, o Persa:
De hũa hora incerta hum certo de zengano,
Daquella hora final, dura, & peruersa,
Triste, odiosa a todos tudo em terra,
Em muito esquecimento, & pouca terra.

D

Na

Canto III. Da creação do homem.

3.

Na antigua idade douro em que abundança
Laudauel da terra florescia,
Em que a saude, & viil temperança,
Nos homēs, & Elementos mais auia:
Dos innúmeros annos a abastança,
A muitos pouca, & breue parecia,
Que o calado ladrão a todos furta
A longa vida, & faz parecer curta.

4.

Quem viue por viuer só nesta vida
Docemente, no fim chorosa, & amarga,
Em que do Ceo lbe seja concedida,
Que a de Mathusalem muito mais larga:
Que mais he que na miserauel partida,
Em que ha de ir ter leuar mais carga,
Mas quem somente aspira a eterna, & sancta,
Para ella alegre, & leue se leuanta.

5.

Leuantase a alma leue à mór altura,
Do seu charo amigo desatada,
Ou das obras leuada clara, & pura,
Ou à prisão perpetua condemnada:
Toda inferior cousa, & creatura,
De materia, & de forma fabricada,
Por mais que viua em fim seu fim a spera,
Que assi o quis quem fez a grande sphaera.

Mas

6.

Mas nunca a ninguem basta esta certeza,
 Para que a dura parca inexorauel,
 Espanto lhe não cause dór, & tristeza,
 Com seu golpe cruel, & irreparauel:
 Assi vendo o da bella Fortaleza,
 A miserauel queda em que durauel,
 Sabia nascer nada: entristiceome,
 E cousa estranha, & graue pareceome.

7.

Não sonhaua eu que via desfazerse,
 Com subita ruina este edificio,
 Mas por tempo auia enuelbecerse,
 Cada parte cessando em seu officio:
 E o gouerno, & economia perderse,
 Com sua ordem certa, & saõ exercicio,
 Não seruindo os vasallos a senhora,
 Te que ella triste se sabia fôr a.

A alma,

8.

Triste se bia por mal obedecida,
 Ao Senhor que a esta enuelbecida
 Casa sua amandara, & vir fizera,
 Triste se bia confusa, & arrependida
 Do mau viuer: mas mais viuer quisera
 Na sua antiga, & tão chara morada,
 Que só por terra jaz deseparada.

D 2

Edzendo

Canto III. Da criação do homem.

9.

Membros
& pès do
corpo.

As quatro
composi-
ções, ou
humores.
Calor na-
tural.

Fazendo mal os grandes, & os menores,
Cada hum seu deuido regimento,
Não mandando os Mórdomos, & Veadores,
E não auendo em nada asento:
Ve o cômum manjar com seus licores,
Todos quatro a hum tal corrompimento,
Que as partes principais, & as outras logo,
Enfraquecião, & se enfriou o fogo.

10.

Spirito vi-
tal, humi-
do radical

Porque daqui nasceo que consumindo
Se foy o mestre da obra diligente,
E com elle de mal em peor indo
Os Capitaães da Torre, & outra gente:
E todos os seruidores mal seruindo,
Os de dentro, & os defora juntamente,
Em todos se enxergaua hũa frieza,
De estranha enferma, & misera fraqueza.

11.

Os demais dos trinta & dous brancos moleiros,
Que estauão no moinho se fazião
Debilitados já como os primeiros,
E sem poder moer fóra cabião:
Outros que em seu vigor ainda que inteiros
Ficauão por fraqueza não seruião,
E por estarem ali mais arreigados
Có velho ficauão apozentados.

Enuelbe-

12.

Enuelbecendo assi tanto o edificio,
 Defora a graça, & lustre hia mudando,
 Atè no chapitel, & frontispicio,
 Murchandose hião as flores, & descarnando:
 Porque já não sendo tão propicio
 O calor, & alimento como quando
 Em seu vigor, & perfeição estauão,
 Em fria, & branca a cor douro tornauão.

As chãs
 com a ve-
 lhice.

13.

Aquelles dous robustos, & valentes
 Carreteiros cansadamente andauão,
 E já mais floxamente, & negligentes,
 O necessario à Torre acarretauão:
 Tambem os dez criados diligentes,
 Como tolvidos mal se meneauão,
 E já as columnas groças que trazião
 O pezo sobre si, fracas tremião.

Os braços

Os dedos.

As pernas

14.

Com tal fraqueza, & continuos temores,
 Ameaçauão à Torre final queda,
 Estauão sem repouso os Veadores,
 E toda a gente fraca, & pouco leda:
 Da salua a mestra já deixa os sabores,
 E cada hum de seu cargo já se arreda,
 Aruinando por mil partes o muro,
 Abalado se mostra, & mal seguro.

Cerebro,
 Coração,
 Fígado.

Lingoa.

Canto III. Da creação do homem.

15.

Atonito com grande dôr, & espanto,
Que ficava então me parecia,
Com tão fero spectaculo, & com tanto
Strondo lachrymoso como auia:
Porque defóra estar hum alto pranto,
Muita gente funesta, & triste via
A morte fera que da desta sorte,
Carpindo, & da sua gente a fera morte:

16.

E o que mais me espanta sobre tudo,
Da machina lançada assi por terra,
Que o material todo, & o campo mudo,
Hum vil pãno de lenço dentro encerra,
E aquem estando em pé foy pouco tudo:
Cabindo a cobria hũa pouca terra.
Cuydadoso eu nisto estando, & afficto,
Tornaua a parecerme aquelle spirito.

17.

Aquelle spirito bom, fermoso, & puro,
Que ao entrar da Torre me deixara,
Em cuja companhia eu muy seguro,
Por ariscados passos já passara:
Tornouseme com elle o triste, & escuro,
Tempo puro, & sereno, & a noyte clara,
E pondo eu leue, & ledos os olbos nelle,
Assi me começou de falar elle.

Que

18.

Que fazes fraco aqui, que cuydas triste,
 Mortal, terreno, cego, descuydado,
 Porque não te aproueitas do que viste,
 No mal doutrem por teu bem doutrinada:
 Não he vaõ sonho não o em que consiste
 Perdereste, ou saluares coitado,
 Os olhos abre já esperto, & prompto,
 Regula a vida sò por este ponto.

19.

Quem te criou, & quem te fez de nada,
 Dandote o ser, a forma intellectiua,
 Nesta Torre te meteu incacerada,
 Não foy para que uella sempre viua:
 Mas para merecer nesta jornada,
 Com suas obras a outra eterna, & aliua,
 Com suas obras tingidas no purissimo
 Sangue do bom Cordeiro innocentissimo.

20.

Para isto viue sò, para isto estima
 Qualquer bem temporal, que este he seu preço,
 O que não for para isso desestima,
 E no fim o despreza, & no começo:
 O bem perfeito, & firme la está en cima,
 Sem falta là seguro, & sem excessso,
 Dasse immenso a cada hum no clarao sento,
 Mas medido por seu merecimento.

Canto III. Da criação do homem.

21.

Dasse penna a quem isto desmerece,
Tambem sem nenhum fim, & sem medida,
As quais por sua culpa só padefce,
Pospondo á vida eterna a breue vida :
Esta que em torpes vicos enuelhece,
Atê lbe ser de todo consumida,
Da alma a satisfação lbo verifica,
E o que da terra em a terra fica.

22.

Isto he o que tens visto, & o que notaste
No processo, & discurso deste forte,
Que não he mais se o bem consideraste,
Que hum viuo homem sogeito a cõmum morte :
Tu por dentro, & por fóra especulaste,
E viste cada parte de tal sorte,
Que ser hum corpo humano organizado,
Declararte auerey por escusado.

23.

Fello Deus como a ty mortal, terreno,
Mas fello racional capaz do Ceo,
Fez o graõ mundo, & fez este pequeno,
E nelle por saluado em fim do Ceo
Desceo até se fazer homem : com aceno,
Quem pode fazer a terra, & o Ceo,
Desceo até em hũa cruz ser leuantado,
Para trazer a si todo o criado.

Remirte

24.

Remirte ò graõ homem quis Deus sempiterno,
 Com hum resgate de amor marauilhofo,
 Dando por si seu filho igual co Eterno,
 O qual fazendosse homem piadozo:
 Por te liurar da morte, & escuro l. ferno,
 Deu sua vida, & sangue precioso,
 Pois com que vidas tu pagarlhe entendes,
 Se com a que te deu tanto o offendes.

25.

Serà razão que desça de sua altura,
 Abaixa terra só por darte vida,
 A sua offerecendo sancta, & pura,
 Com tanto excessso, & tanta dór crescida:
 Na Cruz a tanta injuria à morte dura,
 E que seja taõ mal agradescida,
 Que elle morra só por tu vida teres,
 E tu que viuas só para o perderes.

26.

Enganado, perdido, ingrato, & cego,
 Como dormir? como viuer? te atreues,
 Como afogarte do profundo pego
 Não temes? carregado do que deues:
 Emmenda a vida não com o mau emprego,
 Em quanto tempo tens, que as horas leues
 Se vão sem sperar, nem he figura,
 Para isso a derradeira, triste, & escura.

No

Canto III. Da creação do homem.

27.

No diluio cruel, & mar contrario,
De teus vicios em que andas engolfado,
Buscar do bom Noè te he necessario,
A sancta arca que no mundo tem laurado:
Nã no monte de Armenia mascaluario,
No graõ Caluario monte, & celebrado,
De Adam busca segundo a aruore sancta,
Que elle por saluarte em o mundo pranta.

28.

Colbe pois sem receo, & confiado,
Della o fructo diuido, & taõ jocundo,
Nã o que a Adam primeiro foy vedado,
Mas o que deu a todos o segundo
Do Ceo vindo: na terra foy plantado,
Paraque nella viua o morto mundo,
Dum puro Lyrio nasce hũa flor taõ pura,
No vale por subir tudo a altura.

29.

Olha na sagrada aruore pendendo,
Do ventre virginal o fructo suaue,
Para dar bens, & os braços estendendo,
Como lhe foy posta coroa graue,
Por te sperar se da vista o vãs perdendo,
Pregados pês, & maõs tem na alta traue,
E para recolberte no deserto,
Perdida ouelha o lado tem aberto.

O lado

30.

O lado fonte viua donde mãna,
 Com sangue, e aqua a sam graça infinita,
 Que gostandote bem a gente humana,
 Que viue vida morta, resuscita:
 Gloria fica da morte soberana,
 Consola, e aqui apura em fogo aslieta,
 Tu purifica fonte tudo regas,
 E a quem te quer gostar nunca te negas:

31.

De tua perenal clara corrente,
 Nascem diuinos Rios sem discordia,
 Que regão essa Cidade refulgente,
 De Deus que tem a terra em sam concordia:
 Quatro Rios de graça sufficiente,
 De justiça, de emor, misericordia,
 E todo o bem que a seu Deus cõunicaua
 Em ti ó fonte sancta purifica.

32.

Ati os que de vida sede trazem,
 Tua agua salutifera buscando,
 Quanto mais em ti se satisfazem,
 Tanto com gosto a estão mais dezejando:
 De terrena pura ser a fazem,
 Seu bom stado em graça renouando,
 Os que te bebem, e os que teus Rios habitão,
 E debaixo da guião da Cruz militão.

A taõ

Canto III. Da creação do homem.

33.

A tão líquida vea, & fresca fonte,
Corre pois peccador lauarte nella,
Baixos olhos leuanta ao alto monte,
Aquelle monte sancto donde nasce ella:
E vela ensangoentada não te afronte,
Que he mais fermosa asi que toda a Estrela,
Esse diuino sangue em que tingida
Vez a sancta agua te he saude, & vida:

34.

Faze tua morada nesta viuua
Pedra singular donde a doce agua nasce,
E donde mel, & leyte se deriua,
Que o Ceo, & a terra alegremente pasce:
Por esta escada sube a estranha altura,
Que o grande Iacob vio que ao Ceo chegasse,
Por ella Anjos do Ceo á terra descem,
Sobem ladroës ao Ceo que arreconhecem.

35.

Vay banbarte doente, & tão leproso,
Neste diuino, & sacro Rio Iordão,
Passa o da lepra já são, & fermoso,
Para na terra entrar de promisaõ:
Fuge, & sayte do Egipto trabalhofo,
Donde te tem teus erros em prição,
Passa do sangue, & agua o mar vermelho,
Liure do captiueiro antigo, & velho.

Olha

36.

Olha a sagrada letra que Ezechias,
Em Hierusalem vio impressa, & scripta
Nas testas dos que estauão de agonias,
E alma tinhaõ triste, & aslicta,
Enche os coraçõs esta de alegrias
Perpetuas: & lbes dà graça infinita,
Agora com hum final nellas impresso,
Scripta bem com sangue alto sem preço:

37.

De metal no deserto em Cruz erguida, Nu. cap. 2.
Olha a medicinal mortal serpente,
Que sò com a vista da saude, & vida,
Aos que feria com venenoso dente:
Representana ser serpe esculpida,
Serpe era no metal serpe aparente,
Afsi posto na Cruz como culpado,
Quem nunca o pode ter terá o peccado.

38.

Esta Arpa de Dauid tão branda, & sancta, Psalm. 30.
Com vozes tão diuinas, & acordadas,
Se tocão na Cruz postas com dór tanta,
Os nervos seus, & cordas delicadas:
Afugenta o Demonio mau, & espanta,
Desfaz, & desperta já suas ciladas,
Toca pois a sancta Arpa adora, & ama,
Mil lagrimas damor nella derrama.

Com

Canto III. Da criação do homem!

39.

Com speranza amor, & firme fê,
A teus tão cegos olhos lava, & cura,
Na clarissima fonte Syloè,
Sabias da cegueira trist, & escura:
Veràs por onde pões o enfermo pé,
Ser tudo engano, & mã deza Ventura,
Da vil carne do mundo vem pobreza,
Do maõ sempre malicias, & torpezas.

Os tres I-
migos dal
ma,

40.

Gozate desta certa medicina,
Bastante stima a toda a enfermidade,
Que o bom, & vniuersal Medico ensina,
Com tão sincero amor, & boa vontade:
Entra nesta probatica piscina,
E a tua paralitica maldade,
Conuertida veràs pella virtude,
Desta agua efficacissima em saude.

41.

De Deus com puro amor olha o Cordeiro,
Cujõ sangue purissimo innocente,
Derramando com amor tão verdadeiro,
Do lobo te liuroõ percuciente
Sangue tanto sem preço: & por dinheiro,
Por vil preço vendido injustamente,
Mas assi ás mãs culpas liuramento,
E ás obras boas deu merecimento.

As

42.

As obras que assi nelle resplandescem,
 Como num tão capaz, & claro espelho,
 E todas perfeições sem fim parecem,
 E os santos Doës do spirito, & são conselho:
 As mais virtudes que sempre aqui florecem,
 Tinba no fino esmalte, & bom vermelho,
 Verte bem neste espelho imita, & goza,
 Verás toda a virtude aqui sermoza.

43.

Se a sempre igual justiça firme, & forte,
 Ver queres, vê que o homem condemnado
 Por sua mesma culpa â eterna morte,
 Pagando Deus por elle he perdoado:
 Deus fesse homem mortal mata a morte,
 Morre innocente, & mata ao mau peccado,
 Com suas chagas tira a antiga chaga,
 Como Deus pode, & quer como homem paga.

44.

Esse misericordia branda, & amiga,
 Que mais se pode ver que a piedade
 Com que ao bom filho do Eterno pay castiga,
 Por perdoar do mau sermo a maldade:
 Olba a que stado desce, & aque se obriga,
 Se queres ver altissima humildade,
 Se a sam modestia vé com que estreiteza
 Nasceo, viuo morreo sempre em pobreza.

Vé

Canto III. Da criação do homem.

45.

Vè com que mansidão, com que innocencia
O Redemptor do mundo se offerece
Ao summo Sacrificio, & obediencia,
Até morte tão crua que padece:
Em tanta injuria, tanta pasciencia,
Que por seus homicidios não se esquece,
Por inimigos rogar assi o amando,
Tudo com alto amor bem rematando.

46.

Amor lhe fez do Ceo que à terra deça,
Amor da terra ser em Cruz subido,
Amor nos pés, & mãos, corpo, & cabeça
Com cravos, lança, espinhas, ser ferido:
Amor que com tormentos mil pareça
Hũa chaga ser, & por leproso auído,
Amor que amasse o mundo tanto,
Que nelle fique em carne, & em corpo sancto:

47.

Deus sendo amor purissimo perfeito,
Quis pello mesmo amor cōmunicarse,
Fazendo de hũa alma, & humano peito,
E nelle Deus, & homem agazalbarse:
E mais se alegra em lugar tão estreito,
Que no espaçoso Ceo, & largo impirio acharse,
Que este he sò corporal morada nua
Dalma, & spirito, o outro imagem sua.

Para

48.

Para esta união sancta, & amorosa,
 A diuina Eucharistia instituindo,
 Com discreta inuencão marauilhosa,
 Dos Discipulos seus se despedindo:
 Na quella final Cea lachrymosa,
 Debaixo das species se encobrin-do,
 De pam, & vinbo em doce mantimento,
 Se dà a comer neste alto Sacramento.

49.

Que como trasformado, & conuertido,
 Em quem o come o mantimento fica,
 Assi a alma do homem a Deus vnida,
 Por amor se sustenta, & viuifica:
 Que este manjar diuino recebido,
 Vida diuina dá, & glorifica
 A quem sua carne come, & sangue bebe,
 E morre, indignamente quem o recebe.

50.

Quem bem o come em Deus fica, & Deus nelle,
 Fica em Deus como proprio membro viuo,
 E o summo Deus como cabeça delle,
 Hum ser spiritual lhe dando altiuo:
 Faça assi hum corpo mistico por elle,
 Por este amor puro, & vnitiuo,
 E o filbo assi de Adam, & o filbo de ira,
 Fica filbo de Deus, & a Deus aspira.

E

Contente

Canto III. Da criação do homem.

51.

Contente viue amando, & perseuera,
Na fonte d'amor puro alma embebida,
Abraça aquella amiga, & fiel hera,
Da sandauei Cruz aruore erguida:
Come o bom pam da vida em vida fera,
Perdendo irás ganhando eterna vida,
Come pam sobre substancial, & de graça,
Que de terreno Angelico te faça.

52.

Esperta já Christão dormente esperta,
Para este pam que tanto te conuida,
Que a satisfação tens taõ boa, & certa,
Cauando do Senhor sempre na vinha:
Ao peccado, & chaga nalma aberta,
Applica esta suaue, & sam mezinha,
Os bens do mundo tem por sonho, & rizo,
E o que me ouuiste em sonhos por auizo.

53.

Assi estaua o bom Anjo falando,
Que ao doce som de sua voz diuina;
Dormia muy quieto reponsando,
Na vizão deleitosa, & matutina:
E não crendo eu que fosse isto sonhando,
Com hũa branda vara, & inspiração diuina,
No coração tocarme parecia,
E despertar do somno me fazia.

Figey

54.

Fiquey confuso tanto, & tão asombrado,
 Já de todo acordado, & só em meu leyto,
 Daquelle spirito bom dezemporado,
 De seu colloquio sancto, & brando aspeito:
 E de que ouuira, & vira inda lembrado,
 Que impresso me ficou dentro em meu peito,
 Comecey a fazer contas comigo,
 Quaes todo o homem deue fazer consigo:

55.

Misero peccador, mortal, terreno,
 De pô, de sinza, & terra hum triste sacco,
 Quero abraçar hum bicho tão pequeno,
 O Ceo, & a terra como outro Zodiáco:
 Eu me engano, eu me perco, eu me condemno,
 Culpado vou perdido, cego, & fraco,
 Nascido em dôr, em pranto, & em peccado,
 E nelle em mil misérias enterrado.

Exortatio.

56.

Que spero mais que não me dezeno,
 Com tanta inspiração, tanta doutrina,
 Que vou de dia em dia, de anno em anno,
 A cura dilatando a esta alma indigna:
 Ah cruel a mim mesmo, & deshumano,
 Que tão prezente, & sancta medicina,
 Qual se me offerecendo esta tão certa,
 Deixo de pôr na mortal chaga aberta.

E 2

A viua

Canto III. Da criação do homem.

57.

*A viua fonte vejo permanente,
Sempre manancial nunca escorrida,
De que manando está perpetuamente,
E sem cessar saude, & luz deuvida:
Vejome a mim mortal, cego, & doente,
Chegar não quero a cura offerecida,
Deixome ir sempre obstinado, & duro,
Traz o tempo a beber no lago escuro.*

58.

*A Fortaleza que eu sonhando via,
Florente edificar-se em tanto ter-se,
Te que por tempo em fim me parecia,
Cabir por terra, & nella desfazer-se:
Donde a immortal senhora se sabia,
E sem para onde fosse então saber-se,
Era o meu triste, & fragil corpo humano,
E de todo que não me dezeno.*

59.

*Ab não seja assi, não dure tanto,
Minha vida no graue, & mau letargo,
Que esquecido da eterna com espanto,
A perca, & sem fim morra em pranto amargo:
Daquella sancta fonte, & Rio sancto,
Sempre alto, copioso, doce, & largo,
Lá quero o pam goſtar, & agua da vida,
Paraque fique lá comigo vnida.*

Por

60.

Por ti quero viuer ó pam diuino,
 Que dás vida, & es vida por essencia,
 Por ti com tua graça eu fraco, & indigno,
 Quero, & posso fazer sam penitencia:
 E com ella mais limpo de continuo
 Quero amarte, & gostar com mais frequencia,
 A ti que es amor puro, & bem supremo,
 Por ti suspiro eu, & por ti gemo.

61.

Em que eu merecer tanto não possa,
 Nem por mim ao que deuo satisfaça,
 Teu purissimo amor a tudo adoça,
 E tua misericordia a tudo abraça:
 Tu queres sempre a conuersação nossa,
 Amiga se a tua graça nos dá graça,
 Se o rico, ou pobre, ou alto, ou baixo pode
 Chamarte, o teu poder logo lhe acode.

62.

Tu vsas só Senhor tal piedade,
 Sò o remedio nos podes dar seguro,
 Tu altissimo Deus tanta humildade,
 Que com o seruo cõunicas baixo escuro:
 Tu que vestindo a nossa humanidade
 No ventre virginal, & sangue puro,
 Tu que por nós na Cruz o teu derramas,
 Té nos dar em comer tanto nos amas.

E 3

Em

Canto III. Da criação do homem.

63.

Em tal extremo vendo a Fortaleza,
Vigilante, & solícita accodia
A todas partes a immortal princeza,
Sempre animando a toda a companhia:
Com quanto via já sua defeza,
Ser tão fraca deixala não queria,
Todo o remedio exquisito, & raro,
Busca em fim seu proveito sem reparo.

64.

Nesta vltima agonia assi estando,
A desconfortadissima senhora,
Eu tambem triste asaz via sonbando,
Disforme hum velho feo vir defora:
Sumida a carne, os olhos só mostrando,
De corcomido rosto os olhos fora,
De espantosa, & terribel catadura,
Fraca a voz mas soberba, & com soltura.

Morte.

65.

O qual as mãos lançando descarnadas,
E torpes sobre este edificio enfermo,
Deulhe hum medonho abalo, & alteradas,
Tremendo as partes nelle fez grão termo:
Traz isto com palauras muy pezadas,
A princeza falando disse, o termo
Final, & triste a tua hora he chegada,
Sayte já da caduca, & vam morada.

Ficon

66.

Ficou sobressaltada, & temerosa,
 A princeza com voz tão graue, & horrenda,
 Mas ainda assi lhe responde chorosa,
 Sperame algum tempo para emmenda
 Minba: & desta morada perigoza,
 E o prazo final mais se me estenda,
 Darey ordem que em tão triste partida,
 Não deixe a casa toda destroida.

67.

Graõ tempo ha já lhe replicou o velbo,
 Que nesta Torre viues, & o tiueste
 Para tudo ordenar com graõ conselbo,
 Sabias isto bem mal o fizeste:
 A casa outro remedio outrem delbo,
 E a ti o que nella estando mereceste,
 Não posso sperar mais vente comigo,
 Mais tenbo que fazer que aqui contigo.

68.

Isto disse apegando riyamente,
 Outra vez com mão dura, & crueza,
 Cabio toda por terra finalmente,
 Com grande terremoto a Fortaleza,
 Cabio com ella morta toda a gente,
 E a gram regente nella, & alta princeza,
 Dezapareceo com o velbo a esta hora,
 Sem saber mais ninguem certo onde fora.

E 4

Pois

Canto III. Da creação do homem.

69.

Pois se ha de auer desagradoimento,
De tal merce amim, & a todos feita,
Se nisto não se achar merecimento,
Dentro em minba alma em que entrar aceita:
Se eutiuer della algum esquecimento,
De mim se esqueça a minba mão direita,
E a minba lingua se apegue â garganta,
Se eu não louuar, & amar merce tão santa.

Protestação da Fè.

70.

A Aquella sancta barca que se emprega,
Segura no alto mar com bom gouerno,
Que ao pescador pobre se entrega,
Por mão do vniuersal Senhor Eterno:
Que pois vê claro o porto a que nauega,
Sempre ondas vencera do escuro Inferno,
A Catholica mãy Romana Igreja,
Quanto digo, & disser sogeita seja.



FINIS

